



**V CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
VI SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS
V CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL**

Território, Planejamento, Desenvolvimento e Conflito

**NA CADÊNCIA DAS ÁGUAS NO ARQUIPÉLAGO DO MARAJÓ:
TERRITÓRIO, TURISMO CULTURAL E O FESTIVAL DO
CAMARÃO, NO "CAMARÓDROMO" DE AFUÁ, PA**

Matheus Oliveira Martins da Silva¹
Nilson Cesar Fraga²

Resumo: O estudo analisa o modo de vida em Afuá, no Pará, destacando a relação entre a terra, o agrário e o Festival do Camarão, que completa 40 anos em 2024. As atividades econômicas locais, como pesca e extrativismo, aliadas ao festival, impulsionam o turismo e a economia regional. O texto explora categorias analíticas como território, lugar e turismo para entender a vida em Afuá. O Festival do Camarão não só fortalece os laços sociais, mas também preserva a identidade cultural local. No entanto, desafios como a preservação da autenticidade regional e conflitos sobre o conteúdo do festival são discutidos.

Palavras-chave: Cidade das bicicletas. Amazônia. Arquipélago do Marajó. Festival do Camarão.

Abstract: The study examines the way of life in Afuá, Pará, highlighting the relationship between land, agriculture, and the Shrimp Festival, which celebrates its 40th anniversary in 2024. Local economic activities such as fishing and extractivism, combined with the festival, drive tourism and the regional economy. The text explores analytical categories such as territory, place, and tourism to understand life in Afuá. The Shrimp Festival not only strengthens social ties but also preserves local cultural identity. However, challenges such as preserving regional authenticity and conflicts over festival content are discussed.

Keywords: Bicycle city. Amazon. Marajó Archipelago. Shrimp Festival.

¹ Geógrafo. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Mestre em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Laboratório de Geografia, Território, Meio Ambiente e Conflito – GEOTMAC/UEL. E-mail: oliveiramartins.matheus@gmail.com

² Geógrafo. Professor Associado B no Departamento de Geografia na Universidade Estadual de Londrina. Coordenador do Laboratório de Geografia, Território, Meio Ambiente e Conflito – GEOTMAC/UEL. Coordenador do Observatório da Região e da Guerra do Contestado – ORGC/UEL. Professor no Programa de Pós-graduação em Geografia na Universidade Federal de Rondônia – PPGG/UNIR. E-mail: ncfraga@uel.br

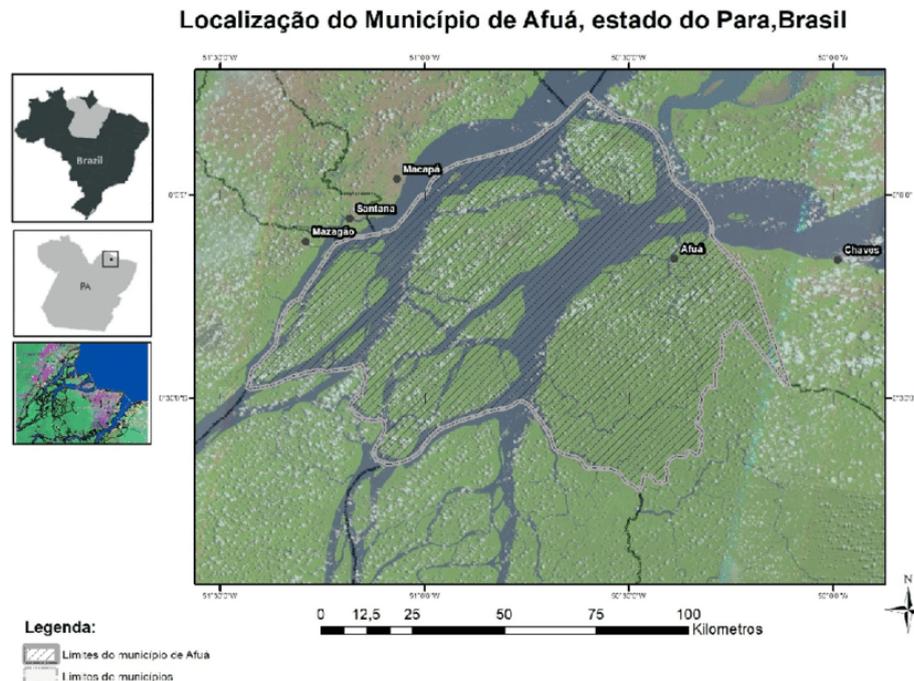
O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001



INTRODUÇÃO

O presente estudo analisa a dinâmica do modo de vida da população do município de Afuá, localizado no Arquipélago do Marajó, no estado do Pará (Figura 1). O trabalho tem como base a questão da terra, o agrário e os conflitos, a partir da produção em uma íntima relação sociedade-natureza, típica das comunidades amazônicas, cujas relações se dão entre a água e a terra. Por fim, se averigua o papel do Festival do Camarão, festejo popular que completa quatro décadas, em 2024.

Figura 1 – Localização do município de Afuá, estado do Pará, Brasil



Fonte: COSTA, 2018

Segundo os dados do Censo Populacional de 2022, a população de Afuá totaliza 37.765 habitantes, distribuídos em uma extensão territorial de 8.338,438 km² (IBGE, 2022). Afuá caracteriza-se pela presença de vegetação costeira, típica da região do delta do rio Amazonas, destacando-se várzeas e igapós como formas predominantes. Além disso, o município abriga o Parque Estadual Charapucu, uma unidade de conservação estadual que ocupa uma área de aproximadamente 65 mil hectares, destinada à preservação do ambiente natural.

O acesso à cidade de Afuá, é caracterizado por uma combinação de meios de transporte terrestre, fluvial e aéreo. Devido à sua localização em um arquipélago no delta do Rio Amazonas, Afuá não possui estradas que a conectem diretamente ao continente. Portanto, a principal via de acesso é por via fluvial, por meio de barcos e balsas que partem de cidades próximas, como Breves e Belém, no estado do Pará e em Macapá, no estado do Amapá. Devido à sua localização próxima à capital do estado do Amapá, distante aproximadamente 90 km, o município é influenciado diretamente por este estado, sendo acessível por vias fluviais que demandam cerca de quatro horas de viagem de barco ou duas horas de viagem utilizando lanchas rápidas com capacidade para até 200 passageiros.



O município possui um pequeno aeroporto que recebe voos de aeronaves de pequeno porte, principalmente durante o período do Festival do Camarão, quando a demanda por transporte aumenta significativamente.

Conhecida como "Veneza Marajoara", a cidade ergue-se sobre as águas, gradualmente sobre o terreno de várzea, constituindo uma notável construção em palafitas. Em virtude dessa peculiaridade, a circulação de veículos automotores na cidade é proibida, conferindo-lhe uma paisagem marcada pelas bicicletas.

As atividades econômicas preponderantes em Afuá estão centradas na pesca e no extrativismo vegetal, com destaque para a exploração do palmito, de madeiras e do açaí. Além disso, a pesca e a comercialização do camarão também desempenham um papel significativo na economia local. Essas atividades, aliadas ao Festival do Camarão, que atrai anualmente entre 40 a 50 mil visitantes para o município, e acontece no último fim de semana de julho, com duração de quatro dias, contribuem para o fortalecimento do potencial turístico e econômico da região do arquipélago do Marajó (Evangalista, 2020).

No sentido teórico-metodológico, são transversais as categorias analíticas do território, do lugar e do turismo para entendimento relacional do espaço agrário-urbano gerador do modo de vida cotidiano da população afuaense na relação espaço-tempo, suas limitações e desafios. O presente estudo avança dos discursos elaborados por agentes de diferentes escalas do território – o amazônico e do de fora da Amazônia, sobre a Amazônia. Inexorável mencionar que se pode fazer uma reflexão apenas ao se utilizar uma simples palavra, "Amazônia", pois ela envolve numerosos possibilidades políticas, sociais e ambientais, mas no caso das categorias de análises geográficas, se avança do espaço geográfico para território, região, lugar e tempo.

A Amazonia como espaço geográfico é secular, ou mesmo milenar, mas para essa pesquisa há que se considerar que a Amazônia Legal, como conceito, foi criada na década de 1950 por meio da lei n. 1.806, de 06 de janeiro de 1953 com a finalidade de facilitar o planejamento territorial da região, relacionando-se, portanto, à divisão política do território e não apenas a uma questão de ecossistema. De outro modo, o nome Pan-Amazônia é um termo utilizado para tratar a Amazônia de uma forma ampla, o espaço sul-americano que envolve outros países que possuem parte do bioma amazônico, onde se encontra o município de Afuá.

Ao se pensar a relação espaço e o território afuaense, se faz necessário trazer Claude Reffestin (1980), ao mencionar que o espaço e o território não são termos equivalentes, pois o espaço é anterior ao território. O território se forma com o espaço e é resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático. Ao se apropriar de um espaço, o ator territorializa esse espaço, de maneira sempre incerta e conflitante. A produção de um espaço, o território nacional, espaço físico, balizado, modificado, transformado pelas redes, circuitos e fluxos que aí se instalam, tais como as rodovias, os canais, as ferrovias, os circuitos comerciais e os bancários, as autoestradas e as rotas aéreas, etc.

O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e contraditório de sistemas de objetos e de ações, não considerados isoladamente, mas como quadro único no qual a história se dá. No começo era natureza selvagem, formada por objetos naturais que, ao longo da história, vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois, cibernéticos, fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina. Pela presença desses objetos técnicos: hidrelétricas, fábricas, fazendas modernas, portos, estradas de



rodagem, estradas de ferro, cidades, o espaço é marcado por esses acréscimos, que lhe dão um conteúdo extremamente técnico, diria Milton Santos (1997, p. 51).

No que diz respeito ao território, cabe ressaltar, ainda, que as diferenciações teórico-conceituais sobre território, lembrando que outros autores, sobretudo da Geografia, distinguem espaço enquanto categoria de análise geral e território como conceito (Fraga, 2017), ao estabelecerem uma noção mais ampla de território, como um dos conceitos-chave da Filosofia, em dimensões que vão do físico ao mental, do social ao psicológico e de escalas que vão desde um galho de árvore “desterritorializado” até as “reterritorializações absolutas do pensamento”.

Rogério Haesbaert (2004, p. 40) produz uma síntese de várias noções de território que podem ser agrupadas em três vertentes básicas e fundamentais para o objeto de análise da pesquisa sobre as questões territoriais de Afuá, as quais seriam: a política, referidas as relações espaço-poder ou jurídico-política, quando institucionalizada no poder político do Estado; a cultural, apontada como culturalista, também podendo ser vista como simbólico-cultural e priorizando a dimensão mais subjetiva; a econômica, muitas vezes economicista, menos difundida, voltada à análise como produto da divisão “territorial” do trabalho.

A questão da terra na Amazônia está envolta em várias questões territoriais, desde a político-jurídica até a cultural. Ribeiro (2020, p. 184) demonstra que

a clareza da jurisdição da terra é federal ou estadual: é a sobreposição de atuações institucionais em um mesmo território; ou seja, qual autarquia deve determinar a regularização fundiária em virtude do caráter donatário da terra. Essa desordem fundiária da Amazônia Legal tem raízes na federalização de terras devolutas públicas dentro do ambicioso projeto geopolítico de integração e controle de terras pela jurisdição da União, todo esse gigantesco patrimônio fundiário foi transferido para o INCRA. A nova autarquia passa a concentrar e comandar, então, a estrutura fundiária das terras devolutas da Amazônia.

O mesmo autor assegura que o Estado possui uma relação indissociável com o capital, e por conta disso, organiza e reprodução o espaço da Amazônia Legal. Em Fraga (2017), se tem a perspectiva de materialidade do espaço produzido que vai além da produção material, envolvendo a criação e a recriação constante de projeções espaciais de relações de poder e de identidades culturais espacialmente referenciadas, não desconsiderando a força das imagens espaciais, das territorialidades e das identidades socioespaciais na influência dos projetos humanos.

Mas, a Amazonia enquanto território cultural, econômico, ambiental e político-jurídico convive, entre outras, com a atividade turística que, no caso de Afuá, é marcado pelo regime das águas, pela natureza, pelos conflitos e, no caso de Afuá, no Pará, acrescentando-se outros elementos avaliativos nesse trabalho, como o Festival do Camarão tema deste ensaio, que há quarenta anos congrega tais elementos socioculturais e ambientais no município arquipélago. Figueiredo (1999, p. 76) aponta a importância e o peso da palavra/termo Amazônia no turismo:

A facilidade mercadológica do nome Amazônia conhecida no mundo todo também aparece como uma razão impar para o desenvolvimento do turismo. Mas a principal razão é, sem dúvida, a possibilidade que a atividade tem de promover o desenvolvimento mais equilibrado, e em consonância com os limites suportáveis do



meio ambiente, numa região problemática como é a Amazônia, com divisões de classe e disparidades econômicas enormes, aliadas aos danos ambientais de grandes projetos de desenvolvimento.

No sentido dos dizeres de Figueiredo (1999), há que se considerar no tocante a Amazônia a relação que envolve a terra, a água e o lugar, que marcam a presença das representações existentes no universo das águas e das matas, crescem e despertam curiosidade no turista em se tratando do conhecimento do potencial da biodiversidade existente. No caso de Afuá, tais elementos estão presentes, mas para além disso, existe o cotidiano das pessoas e do seu modo de vida para os afuaenses, cujas percepções são distintas dos turistas que participam da Festival do Camarão, por exemplo, isso em relação aos que veem de outros lugares.

Assim, há que se considerar que se tem modos diferenciados de se realizar a atividade turística na Amazônia, sendo um dos elementos marcantes, sobretudo, as viagens nos barcos à motores, construídos de madeira e chamados de recreios pelas populações amazônidas. Tais viagens geralmente duram horas ou dias, dependendo do percurso a ser navegado, da época (cheias e vazantes) a ser escolhida e da potência do motor da embarcação. Via de regra, realizar uma dessas viagens significa conhecer um pouco da cultura amazônica, imersa em uma tradição oralizada que passa de geração em geração, mas dependem especialmente da dinâmica espacial da população ribeirinha, e sendo um pouco mais complexa para a população do arquipélago da Afuá.

Para o estudo em tela, imperativo destacar que as viagens realizadas nos mais diversos rios da região levam o turista a imaginar, com mais intensidade e deslumbramento, o ritmo das águas, o viver do povo amazônico repleto de mitos, de ilhas, de lugares santos e protegidos por entidades sobrenaturais e histórias de encantarias. Sem dúvida, ao primeiro olhar, o turista/visitante se depara com um universo extraordinário de belezas naturais, de vastidão de águas, variedade de pássaros e de animais silvestres, fazendo parte dessa vivência cotidiana com o meio ambiente os elementos das paisagens vividas pelas populações amazônicas.

O turismo é analisado como alternativa para ascensão do desenvolvimento socioeconômico, recebendo visibilidade no cenário mundial sobretudo a partir da segunda metade do século XX. Muito além de um feito socioeconômico, o turismo é uma realidade social crescente em numerosos países, sendo uma atividade que abarca ampla gama de atividades econômicas e sociais. Apesar disso, é um setor bastante suscetível, com incontestáveis incidências sazonais, dependendo das condições climáticas, da paz, da segurança, e da estabilidade do país ou região receptora, como da plasticidade da economia de mercado (Matzarakis, 2013).

Estudos da Organização Mundial de Turismo - OMT (2024) apontam que o crescimento do turismo internacional, mantendo-se as práticas atuais - em 1950, a atividade envolvia apenas 25 milhões de pessoas; hoje mobiliza cerca de 900 milhões de cidadãos em todo o mundo; e nos anos de 2020, chegando a mais de 1,6 bilhão de turistas, repercutem socioeconomicamente sobre as populações tanto do campo quanto da cidade, e da mesma forma, entre cidade pequenas e grandes.

Importante trazer a discussão de lazer, sobretudo quando se busca analisar a Festival do Camarão de Afuá, sendo que a mesma atrai a população local, além dos turistas. Assim o lazer engloba qualquer atividade realizada pelo indivíduo durante o seu tempo livre e que contribua para o seu desenvolvimento social e pessoal. E, o turismo se caracteriza como uma das opções de lazer e se destaca por ser uma atividade desenvolvida geralmente nos fins de semana ou de férias. Dentre todas as



atividades de lazer disponíveis, nenhuma envolve tantos recursos e infraestrutura como o turismo.

O tempo de lazer como é conhecido atualmente é uma conceituação recente, acredita-se ter surgido após a Primeira Guerra Mundial, quando as pessoas passaram a lutar por seus direitos, unindo-se em sindicatos, reivindicando mais tempo livre e pagamentos como hora-extra e férias remuneradas. As férias, conquistadas por meio dessas lutas entre trabalhadores e patrões contribuíram em muito para o desenvolvimento do turismo, e do próprio lazer (Ansarah, 2001).

Nos tempos atuais, a atividade turística tem gerado impactos profundos em áreas de destinos turísticos concentrados, “lugares” causados pelo elevado fluxo de turistas. Trata-se de um turismo de “paisagens produtivas”, no qual as paisagens tornam-se um produto. Nesse período, configuram-se basicamente os lugares de sol e praias no turismo balneário (Andrade 2004, p. 63).

Como lugares de paisagens produtivas (como produto de massa), estes apresentam geralmente cenários de diversão, mas sem grande profundidade significativa, ou seja, como poderia ser no caso de uma paisagem “filosófica”.

Para Rodrigues (2001, p.17):

No turismo massivo os clientes parecem não se preocupar com a essência – bastam-lhes as aparências. Apesar de buscarem o desconhecido, o inusitado, a aventura, são fundamentais os elementos: segurança e conforto, além do status que a viagem empresta ao indivíduo (Rodrigues, 2001, p. 17).

Muitas vezes o turismo praticado no âmbito mercadológico se refere a paisagens relativamente homogêneas, que reúnem o mar (ou pelo menos a água e os rios) e as praias, complexos de hospedagem na proximidade, e instalações turísticas como “promenades”, parques, jardins e cassinos, para o divertimento. Para tanto, o planejamento envolvido dedica-se apenas ao uso consciente dos recursos ambientais, mas de forma relativamente monótona.

No Brasil, o turismo de massa como o turismo cultural e natural, tinham pouco efeito no Brasil apesar de alguns exemplos isolados, como Petrópolis. Entretanto, grandes modificações aparecem no país durante os anos 1990, quando surgem políticas públicas voltadas à atividade, com uma maior preocupação com o equilíbrio econômico, ambiental e sociocultural na sociedade e dentro do turismo.

O avanço da atividade do turismo tem gerado uma série de contradições socioambientais, impactando sobre o modo e a organização da vida, assim como sobre a percepção e as representações que as pessoas possuem sobre o mundo por elas vivido. Para entender os fundamentos da percepção, algo marcante no que concerne à atividade turística, é preciso antes, diferenciar espaço e lugar. Suas concepções são diferentes em diversas culturas, mas leva-se em consideração os traços comuns, que transcendem as particularidades culturais. O espaço é tido como algo vazio de significado, sem importância para nós, já o lugar é visto com algum sentido, de reconhecido valor, como afirma (Tuan, 1983, p. 151), “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado”.

De acordo ainda com o autor supracitado, o espaço é essencial para o indivíduo, sendo uma necessidade biológica, psicológica, que influencia o modo de vida e de agir de determinada população. E à medida que este se torna familiar, é tido como lugar, ainda que muitos lugares significativos para certos indivíduos, não o sejam para outros, uma vez que são conhecidos emocionalmente, não sendo necessariamente visíveis, tendo importância única para cada um.



Existe ainda a concepção do não-lugar, defendida por Ycarin Barbosa (2015), acontece quando um lugar substitui sua característica original por uma referência de um destino consolidado. Por exemplo, definir uma praia do sul do país como: um pedaço do Tahiti ou mesmo citar Recife como a Veneza brasileira. Essa prática, usada principalmente pelo Turismo, acaba por idealizar na mente do visitante uma idéia pré-concebida de um espaço que ele não vai encontrar, uma vez que é uma alusão a outro existente. Para (Barbosa, 2015, p. 62):

O imaginário do turismo é, por um lado, parte de um discurso em que uma identidade é ofuscada de acordo com os interesses de uma categoria, nesse caso, os empresários do turismo e, por outro lado, a recriação de uma nova identidade, buscada em outro lugar do mundo.

Para estudos de percepção, torna-se necessário conhecer alguns conceitos fundamentais, descritos aqui de forma detalhada por Amarin Filho (1987):

a) Atitude: estado de espírito do indivíduo orientado para um ou mais valores; b) Cognição: processo psicológico por meio do qual o homem obtém, armazena e utiliza a informação; c) Imagem: representação mental de um objeto, lugar, pessoa ou área que pode se formar ainda que a informação sensorial não seja atual; d) Paisagem: expressão observável pelos sentidos, resultante da comunicação entre natureza e cultura; e) Percepção: função psicológica que capacita o indivíduo a converter os estímulos sensoriais em experiência organizada e coerente; f) Representação: processo que permite a evocação de objetos, paisagens e pessoas independentes da percepção atual deles.

Estes conceitos são fundamentais para compreender as experiências vividas pelos indivíduos, e as influências que o meio exerce sobre ele. A percepção é justamente a investigação destas influências, resultando em soluções para compreender as relações do ser humano com o meio ambiente e com outros indivíduos, e os valores que embasam esta relação.

As experiências do cotidiano revelam mais do que se supõe, nos espaços vividos é possível perceber como os processos se iniciam, como afirma (Serpa, 2001, p. 58), “a realidade se mostra para o ser humano primeiramente através do lugar em que se está, os lugares de infância, o ambiente que lhe chama a sua presença. E estudar a autenticidade dos lugares é examinar um fenômeno do mundo vivido”.

A percepção se dá por meio dos sentidos (visão, audição, tato, olfato, paladar) havendo a necessidade de que o indivíduo esteja em contato físico com o ambiente ao qual se quer expressar seu percepto. Oliveira (2002, p. 191), afirma que “a percepção está subordinada à presença do objeto, que nos fornece um conhecimento imediato”. Quando um indivíduo manifesta um parecer de um lugar do qual nunca esteve baseado apenas nas informações obtidas pelos meios de comunicação, leituras, na verdade ele está tendo uma idéia do lugar, sendo importante que o indivíduo sinta, perceba, interprete e tome suas próprias decisões acerca do ambiente, o que na idéia não é possível, já que o indivíduo não presenciou e/ou sentiu a verdadeira essência desse.

O sentimento de topofilia – elo afetivo entre a pessoa, o ambiente e o lugar -, com os lugares se desenvolve com o conhecimento, por conta disso, os estudos de



percepção são relevantes para a análise dos impactos socioeconômico e culturais da atividade turística.

As diferenças de percepção entre visitantes e nativos são díspares. O visitante geralmente julga, avalia esteticamente o lugar, baseado em aparências. O nativo tem uma atitude complexa, já que está imerso na totalidade do seu meio ambiente, e o homem ao viver atribui valores ao seu mundo (Tuan, 1980).

A identidade de um povo provém de sua história, e muitas vezes está embutida na paisagem do lugar. O contato entre indivíduo e paisagem resgata a identidade esquecida e/ou perdida. Para (Yazigi, 2001, p. 34), “ao se pensar na estrutura da personalidade do lugar, a paisagem assume especial destaque, pois é precisamente dela que nos chega muito da percepção”. Também para Serge Moscovici (2005) a representação social, diferentemente das outras formas de conhecimento, supõe uma relação específica entre o sujeito e o objeto do conhecimento: o indivíduo projeta sua identidade no objeto que o representa.

O arquipélago em festa com o regime das águas

A atividade turística na ilha começou a ser desenvolvida oficialmente na década de 1970, como parte das políticas públicas para impulsionar o turismo no estado do Pará, embora ainda apresente desafios organizacionais e demandas concentradas, especialmente durante eventos locais como a Festividade de São Sebastião em Cachoeira do Arari e o Festival do Camarão em Afuá (Gomes *et al.*, 2010).

Ao se debruçar sobre a Festival do Camarão, há que se considerar o patrimônio cultural municipal que é constituído pelas obras, atividades e realizações dos seus habitantes, sendo importante ressaltar que estas devem traduzir a originalidade e autenticidade dos grupos humanos constituintes daquela sociedade. Assim, para o patrimônio tornar-se símbolo do lugar e identificar a cultura da população, ele deve ser construído e eleito por ela criando identidades com os espaços, e como resultado, podendo servir como atração turística.

Barreto (2000) define turismo cultural como sendo aquele que não tem como atrativo principal um recurso natural. As coisas feitas pelos seres humanos constituem a oferta cultural, portanto para a autora, turismo cultural seria aquele que tem como objetivo conhecer os bens materiais e imateriais produzidos pela sociedade. No caso de Afuá, a questão é um pouco mais complexa, pois a cultura local está envolta pela relação do regime das águas, das terras e dos ares, formando um lugar de profunda hibridez no arquipélago afuaense.

De acordo com Gomes *et al.* (2010), a cidade-sede do Município de Afuá impõe aos seus habitantes um estilo de vida distinto daqueles encontrados em outros centros urbanos, caracterizado pela interação com o rio e a floresta, que ainda são fontes de subsistência para muitos afuaenses. Além disso, a peculiaridade da localidade se manifesta na coexistência de características tanto urbanas quanto rurais, resultando em uma relação mais próxima da sociedade com a natureza devido à sua condição geográfica. Este contexto confere à cidade uma proteção relativa contra certos problemas estruturais típicos das grandes cidades. O Festival do Camarão, iniciado em 1983, representa um evento significativo para os afuaenses, não apenas por ser uma oportunidade de geração de renda, mas também por facilitar encontros entre famílias e amigos que muitas vezes se reúnem apenas durante o festival. Um exemplo notável da influência de fora do circuito das



capitais é a "batalha camaroeira" durante o festival, que se assemelha à rivalidade entre os bois Caprichoso e Garantido no Festival de Parintins, embora tenha uma temática distinta.

Durante o período do Festival do Camarão em Afuá, a área pública designada para a festividade é denominada de "camaródromo", onde ocorrem diversas atividades festivas. Além disso, a cidade recebe um grande influxo de visitantes, incluindo empresários, políticos e artistas, com o aeroporto local sendo inundado por aeronaves de pequeno porte. Embarcações provenientes de várias partes do Pará, especialmente do Amapá, e até de países vizinhos e da Europa, chegam lotadas de turistas, aumentando significativamente a população da cidade durante o evento. Devido à escassez de acomodações nos hotéis e pousadas locais, muitas famílias afuaenses optam por alugar quartos em suas casas para os visitantes, proporcionando uma fonte adicional de renda. A hospitalidade local é evidente, com algumas famílias até mesmo oferecendo hospedagem gratuita. As festividades iniciam na quinta-feira e se estendem até o domingo, incluindo eventos como a Biciata, um desfile de bicicletas, bicitáxis e triciclos ornamentados pelas ruas da cidade, destinado a celebrar e valorizar o papel da bicicleta na vida cotidiana dos habitantes locais.

A bicicleta, que vem sendo amplamente divulgada e compreendida como elemento que gera identidade em Afuá, também recebe sua devida expressão no festival, em que o bicitáxi ocupa um lugar de destaque no festival do camarão, onde ocorre a chamada "biciata". O festival do camarão é responsável pela realização da "biciata", uma competição na qual os moradores adornam seus bicitáxis e bicicletas, buscando concorrer a prêmios por sua criatividade e originalidade na representação da região amazônica, especialmente da identidade do ribeirinho de Afuá (Evangelista, 2020).

Figura 4 – Bicitáxi em Afuá



Fonte: Martins da Silva, 2022

Conforme discutido por Simões (2014) e Evangelista (2020), o bicitáxi passou por um processo de recriação popular, sofrendo transformações em sua estrutura, formas, processos de montagem, cores e acessórios. Além disso, observou-se mudanças nos seus usos sociais, que vão desde a prestação de serviços públicos, como a bicilância (ambulância de Afuá) e o bicitáxi da rede Celpa, até o seu



emprego no comércio, como táxi, transporte escolar ou carro-som para propaganda, e até mesmo em atividades políticas e projetos de evangelização de igrejas. Enquanto a bicicleta permite o transporte de até duas pessoas, o bicitáxi surge como uma alternativa locomotiva capaz de transportar até seis pessoas. Inicialmente concebido para o transporte familiar, o bicitáxi posteriormente passou a ser utilizado como meio de obtenção de renda, semelhante à dinâmica dos táxis, e, por fim, tornou-se um símbolo da cidade, alcançando o status de patrimônio cultural do município.

O evento destaca-se pelo papel do camarão, uma iguaria regional presente em diversas receitas locais, tornando-se um símbolo da identidade culinária da região. A participação ativa de visitantes na festa revela uma notável intimidade com os moradores e o ambiente, evidenciando a importância da culinária como elemento definidor da cultura local (Silva *et al*, 2016).

Figuras 2 e 3 - Rampa do santa Inês, em Macapá e barcos rumo ao festival



Fonte: G1/Ap

Essa festividade, conforme relatado pelo Secretário de Cultura, Raimundo Carmo de Souza Chagas, conhecido como Piska, passou por transformações ao longo dos anos, incluindo a introdução da Batalha Camaroeira por ele há 11 anos. Trata-se de uma atividade que visa representar a cultura local e envolve uma disputa entre dois camarões através de vários elementos culturais. Além disso, Piska afirma ser o autor do ritmo que embala a Batalha, conhecido como *Lanceada*, uma mistura de carimbó com ciranda, patenteado por ele como uma forma de capturar a essência cultural da região (Silva *et al*, 2016).

Silva *et al*. (2016) apontam que a Batalha Camaroeira, introduzida por Piska há 11 anos durante o Festival do Camarão em Afuá, constitui um embate entre dois camarões, cada um representando diferentes aspectos da cultura local: o camarão vermelho, denominado Pavulagem, e o camarão verde, conhecido como Convencido. Este confronto ocorre no Camaródromo, situado às margens do rio e palco das festividades, destacando-se por sua ornamentação artesanal baseada no cotidiano da população afuaense. Nos anos seguintes à sua introdução, a Batalha testemunhou a alternância de vitórias entre os dois camarões, com o Convencido mantendo-se campeão nos anos de 2009 a 2012 e 2014. No entanto, em 2013, a falta de apoio da prefeitura resultou na ausência do evento, enquanto em 2015 e 2016, a escassez de recursos financeiros e estruturais impediu sua realização. Apesar disso, a presença da Batalha é sempre destacada no material de divulgação do Festival. O Camarão Convencido é atualmente reconhecido como Patrimônio Imaterial do Pará, enquanto a agremiação do Camarão Pavulagem, embora também



merecedora desse reconhecimento, enfrenta obstáculos burocráticos devido à irregularidade de seus documentos.

Figuras 4 e 5 – Camarão Pavulagem (esquerda) Camarão Convencido (direita)



Fonte: Eder Furtado (2015; 2016)

Diante do exposto, Silva *et al.* (2016) apontam a preocupação do Secretário de Cultura, como criador da Batalha Camaroeira e do ritmo que a acompanha, em preservar a autenticidade regional torna-se evidente. Ele expressa sua aversão à introdução de ritmos externos, como a "Toada", frequentemente propostos por alguns organizadores, comparando-os desfavoravelmente com as tradições locais. Apesar das tentativas de envolver pessoas de fora na realização do evento, surgiram conflitos sobre o conteúdo a ser apresentado, exemplificados por comentários depreciativos de um artista externo, ressaltando uma tensão entre a preservação da identidade cultural e influências externas na Batalha dos Camarões.

A discussão sobre os temas das Batalhas Camaroeiras ressalta a necessidade de enaltecer, por meio da arte, as características regionais. A proposta de utilizar temas relacionados aos deuses da mitologia grega em uma edição do evento foi criticada por se afastar do objetivo principal de evidenciar as peculiaridades da região de Afuá. A criação da Batalha Camaroeira teve como propósito representar e destacar os costumes e a cultura local, preenchendo uma lacuna previamente existente no Festival do Camarão, que anteriormente consistia apenas em apresentações de bandas. O ritmo Lanceada, desenvolvido para embalar a Batalha, foi concebido com o intuito de mostrar ao público a especificidade cultural da região. As apresentações dos camarões durante o evento refletem o cotidiano dos moradores locais, retratando figuras como o índio em sua canoa e o caboclo ribeirinho, realizadas por brincantes que demonstram orgulho pelas suas raízes (Silva *et al.*, 2016).

Entende-se que as lendas regionais desempenham um papel fundamental no espetáculo da Batalha Camaroeira, capturando a atenção do público com detalhes meticulosos. Estas incluem narrativas envolvendo sereias encantadas, pescadores, e botos que se metamorfoseiam em homens vestidos de branco, os quais seduzem mulheres em noites de lua cheia, desaparecendo nos rios da região antes do amanhecer. Tais figuras lendárias, frequentemente testemunhadas ou relatadas pelos nativos, contribuem significativamente para a riqueza e autenticidade do evento (Silva *et al.*, 2016).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Festival do Camarão emerge como um evento cultural fundamental para a comunidade de Afuá, representando não apenas uma celebração gastronômica, mas também um espaço de encontro e celebração das tradições locais. A longevidade deste festival ao longo de quatro décadas atesta sua relevância como um elemento vital na construção e preservação da identidade afuaense. Através da culinária, das competições e das performances artísticas, o Festival do Camarão não apenas fortalece os laços sociais dentro da comunidade, mas também serve como um ponto de conexão entre os moradores e o patrimônio cultural do arquipélago do Marajó.

A Batalha Camaroeira, introduzida há mais de uma década durante o Festival do Camarão, exemplifica a importância da preservação das tradições locais e do patrimônio imaterial da região. Este evento, que destaca os símbolos culturais únicos de Afuá, como os camarões Pavulagem e Convencido, não só proporciona entretenimento para os residentes e visitantes, mas também serve como uma forma de manter viva a rica herança cultural da comunidade.

O estudo em questão abordou a dinâmica do modo de vida da população do município de Afuá, localizado no Arquipélago do Marajó, no estado do Pará, com foco na relação entre a terra, o agrário, e o Festival do Camarão, que completa quatro décadas em 2024. A análise revelou a importância das atividades econômicas locais, centradas na pesca, no extrativismo vegetal e na comercialização do camarão, além do papel significativo do festival na promoção do potencial turístico e econômico da região.

Do ponto de vista teórico-metodológico, as categorias analíticas do território, do lugar e do turismo são essenciais para compreender a relação entre o espaço agrário-urbano e o modo de vida cotidiano da população afuaense. Além disso, o estudo avançou na compreensão dos discursos elaborados por agentes de diferentes escalas territoriais sobre a Amazônia, ressaltando as múltiplas dimensões políticas, sociais e ambientais associadas a essa região.

A análise também destacou a importância do turismo como uma alternativa para o desenvolvimento socioeconômico local, ressaltando os impactos positivos e negativos dessa atividade. O Festival do Camarão emergiu como um símbolo da identidade cultural afuaense, atraindo milhares de visitantes e promovendo encontros entre famílias e amigos. No entanto, existem desafios, como a preservação da autenticidade regional em meio a influências externas e conflitos sobre o conteúdo apresentado no festival.

Referências

AMORIM FILHO, O. B. de. O contexto teórico do desenvolvimento dos estudos humanísticos e perceptivos em Geografia. In: **Percepção Ambiental: Contexto teórico e aplicações ao tema urbano**. Belo Horizonte: Instituto de Geociências, UFMG, 1987.

ANDRADE, J. V de. **Turismo. Fundamentos e dimensões**. São Paulo: Ática, 2004.

ANSARAH, M. R (Org). **Turismo: como aprender, como ensinar**. São Paulo: SENAC, 2001.

BARBOSA, Y. M. **O Turismo e os Não Lugares**. Clube de Autores, 2015.

BARRETO, M. **Turismo e legado cultural**. Campinas: Papyrus, 2000.



BOULHOSA, M. S. Turismo de base comunitária: em busca de caminhos sustentáveis para o turismo na ilha do Marajó Marinete da Silva Boulhosa. **Paper do Naea**, 2020, Volume 1, n. 3, Edição/Série 524, p. 19.

EVANGELISTA, C. M. **A cidade encantada de Afuá (PA):** um estudo do imaginário amazônico (1983-2007) [Trabalho de conclusão de curso, Licenciatura em História]. Fundação Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2020. 74 f.

FIGUEIREDO, S. L. **Ecoturismo, festas e rituais na Amazônia.** Belém: UFPA/NAEA, 1999.

FRAGA, N. C. Território e Silêncio: contributos reflexivos entre o empírico e o teórico In: **Territórios e Fronteiras: (Re)arranjos e Perspectivas.** 2ª ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2017, p. 73-90.

GOMES, I. N.; CONCEIÇÃO, P. W.; SEABRA, V. S. R. **Afuá:** cidade das águas - uma abordagem sociológica de suas relações sociais, políticas e culturais. Trabalho de conclusão de curso (Ciências Sociais), 2010.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização:** do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MATZARAKIS, A. **Clima e turismo** – implicações e perspectivas. 2013. Disponível em: <[https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/10/\[24\]x_anptur_2013.pdf](https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/10/[24]x_anptur_2013.pdf)>. Acessado em: 27/02/2024.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais:** Investigações em psicologia social. Tradução: Pedrinho A. Guaresche. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

OLIVEIRA, L. Ainda sobre percepção, cognição e representação em Geografia. In: Mendonça, F. A. & Kozel, S (Orgs.). **Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea.** Curitiba: Ed. da UFPR, 2002.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO – OMT. **Cambio climático y turismo:** Responder a los retos mundiales, 2008. Disponível em: <<http://sdt.unwto.org/sites/all/files/docpdf/summarydavoss.pdf>>. Acessado em: 27/02/2024.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1980.

RODRIGUES, A. B. (org.) **Turismo e Geografia** – reflexões teóricas e enfoques regionais. 3. ed. São Paulo. Ed. Hucitec. 2001.

SANTOS, M. **A natureza do espaço.** Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: 2ª edição, HUCITEC, 1997

SERPA, A. **Percepção e fenomenologia:** em busca de um método humanístico para estudos e intervenções do/no lugar. São Paulo: OLAM – Ciên & Tec, 2001. vol I, nº 2.

SILVA, E. M. da; BORGES, P. P.; OLIVEIRA, R. dos S. **Festival do camarão e batalha camaroeira:** dois camarões na construção de uma identidade. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2016, 20 f.

SIMÕES, V. C. F. **Ideadores de bicitáxi:** Cartografia de experiências estéticas em modos de viver e fazer bicitáxis na Veneza Marajoara (Afuá – PA). Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará, 2014.



TUAN, Y. **Espaço e Lugar**. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Y. **Topofilia**. São Paulo: Difel, 1980.

YÁZIGI, E. **A alma do lugar**: turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas.
São Paulo: Contexto, 2001.